

Introdução

Como a pessoa responsável pela tarefa de narrar os altos e baixos da vida da princesa Mia Thermopolis, é com grande prazer que apresento *Liberte meu coração*. Aqueles que já conhecem os diários da princesa de Genovia (publicados em dez volumes na série O Diário da Princesa) sabem que, por muito tempo, o desejo secreto de Mia foi se tornar uma autora publicada.

Bem, esse dia finalmente chegou. *Liberte meu coração*, o romance histórico que a princesa Mia levou 21 meses (entre O Diário da Princesa volume 9, *Princesa Mia*, e O Diário da Princesa volume 10, *Princesa para sempre*) pesquisando e escrevendo foi finalmente publicado.

Neste livro, os leitores talvez encontrem personagens ou situações vagamente semelhantes à própria vida de Mia — o fato de a irmã da heroína, Mellana, ser uma talentosa fabricante de cerveja (lembre-se da infeliz primeira experiência de Mia com um simples copo de cerveja que ela bebe em *Princesa na balada*), por exemplo, ou que o cachorro da heroína chama-se Gros Louis (a tradução para o francês de Fat Louie, o nome do gato da princesa).

Tenho certeza de que a princesa não iria querer que seus leitores cometessem o engano de pensar que essas coisas têm algum significado oculto... que, por exemplo, quando criamos a personalidade do herói, Hugo, Mia estava pensando em alguém da própria vida, particularmente alguém que talvez tenha ficado distante durante muito tempo e depois voltado (tenho certeza de que a princesa ressaltaria que ela e Michael Moscovitz não estavam sequer saindo quando ela escreveu este livro. Se estão juntos atualmente, é algo que os leitores podem descobrir sozinhos em *Princesa para sempre*).

É importante acrescentar que todos os direitos autorais deste livro irão para o Greenpeace, a organização favorita da princesa. E embora Mia não vá, como uma vez sonhou, passar um ano trabalhando para o Greenpeace, tripulando um bote de borracha e protegendo baleias dos arpões, a renda gerada por este livro ajudará alguém a fazer isso.

Assim, por meio deste livro, os desejos mais sinceros de uma princesa se tornarão realidade. E não é para isso que servem os livros? Para que os leitores possam viver os próprios sonhos através de uma história?

E para as milhares de leitoras que realizaram o sonho de ser uma princesa através dos diários de Mia, com *Liberte meu coração* surge a chance de conhecer os sonhos da princesa. Espero que vocês gostem!

Meg Cabot
Janeiro de 2009

Capítulo *Um*

Inglaterra, 1291

O gavião estava de volta.

Finnula o viu no instante em que abriu a persiana de madeira da janela do seu quarto para ver se o xerife e seus homens já tinham partido nos cavalos. O enorme pássaro marrom de olhar maligno estava empoleirado, o mais calmo possível, no topo do telhado de sapê do galinheiro. Ele tinha matado duas das galinhas favoritas de Mellana na semana anterior e agora mirava a terceira, a que Mel chamava de Greta, enquanto a galinha malhada ciscava o chão enlameado do galinheiro em busca das migalhas que restaram da ração. Embora o gavião não se mexesse, mesmo com a chuva fria de primavera caindo constantemente sobre seu dorso, Finnula sabia que ele estava pronto para atacar.

Rápida como as gazelas premiadas do conde, Finnula pegou seu arco, que estava pendurado na cabeceira da cama, e as flechas, e mirou a ave de rapina, embora estivesse em um ângulo de visão ruim,

pois as vigas de madeira do teto perto da janela que dava para o telhado eram baixas demais. Forçando a corda do velho arco para trás, Finnula concentrou-se totalmente no alvo abaixo dela: o peito arrepiado do gavião assassino de galinhas. Não escutou a irmã subindo as escadas para o quarto que já tinham dividido, nem sequer o barulho da porta raspando no chão ao se abrir.

— Finn!

A voz horrorizada de Christina assustou Finnula, e ela soltou a corda cedo demais. Com uma vibração musical, a flecha atravessou a janela, arqueando através da chuva, e fixou-se inofensivamente no sapê aos pés do gavião, fazendo o pássaro alçar voo com o susto e dar gritos agudos de indignação.

— Meu Deus, Christina! — resmungou Finnula, desfazendo a posição de arqueira e apontando um dedo acusador para o caminho feito pela flecha. — Era uma flecha perfeita, e, agora, olhe para ela! Como vou pegá-la de volta? Está presa no telhado do galinheiro!

Christina estava apoiada no batente da porta, o rosto redondo com as bochechas rosadas pelo esforço de subir as escadas estreitas. Uma das mãos no peito farto demonstrava a tentativa de recuperar o fôlego.

— Que vergonha, Finnula! — disse ela, ofegante, quando finalmente conseguiu falar. — No que você estava pensando? O xerife foi embora há menos de cinco minutos, e aqui está você, atirando em pobres pássaros inocentes de novo!

— Inocentes! — Finnula pendurou a alça de couro surrado da aljava sobre o ombro delgado. — Se você quer saber, aquele era o gavião que anda matando as galinhas de Mellana.

— Você perdeu a cabeça que o bom Senhor lhe deu, Finn? Se o xerife tivesse olhado para trás e visto a flecha voando da janela do quarto, teria dado meia-volta e prendido você aqui mesmo.

Finnula riu de forma debochada.

— Ah! Ele nunca faria isso. Imagine, prender uma donzela meiga como eu. Ele se tornaria o homem mais odiado de Shropshire na hora.

— Não. Sendo o primo do conde, não se tornaria. — No oitavo mês de gravidez, Christina não conseguia mais subir as escadas até o antigo quarto com a mesma rapidez. Acomodou-se na cama das irmãs mais novas e suspirou, os cachos ruivos que haviam escapado da touca de linho balançando. — Você não consegue raciocinar, Finn? Sua Senhoria sabe que é você quem anda invadindo a propriedade dele.

Finnula riu novamente.

— Hugo Fitzstephen não sabe de nada. Como poderia? Há dez anos que está na Terra Santa. Nunca mais ouviram falar dele desde o feriado de São Miguel Arcanjo, quando aquele intendente imundo ouviu dizer que ele tinha sido capturado pelos sarracenos.

— De verdade, Finn, você não deveria se referir aos seus superiores de forma tão rude. Reginald Laroche é *primo* do lorde Hugo, e está atuando como intendente dos estados de Fitzstephen na ausência de Sua Senhoria. Como você pode chamá-lo de imundo? Você sabe que devemos a ele o mesmo respeito que deveríamos se ele fosse nosso verdadeiro lorde. Como você pode...

— Respeito? — Finnula falava com ódio. — Quando ele começar a agir de forma respeitável, irei respeitá-lo. Enquanto isso, não me peça para chamá-lo de meu lorde. Porque nenhum lorde digno desse nome trataria seus empregados com tanto...

Christina suspirou novamente, dessa vez exasperada, e interrompeu a torrente de palavras francas da irmã:

— Muito bem, Finnula. Sei que não faz sentido discutir com você sobre esse assunto. Mas pense nisto: Reginald Laroche disse ao xerife que tem uma boa razão para acreditar que é você quem anda acabando com a caça favorita do lorde Hugo. Ele só precisa de uma simples prova, e é para a cadeia que você vai.

Finnula chutou com irritação o baú de madeira que ficava ao pé da cama. Dentro dele havia calças tipo culote e blusas que evitava, preferindo trajes mais simples, como o que usava no momento, sapatos de couro marrom e uma túnica de lã bastante surrada.

— Não estou fazendo por esporte — resmungou ela. — Se Hugo Fitzstephen estivesse aqui e visse como seus empregados estão sendo maltratados pelo maldito Laroche, não seria contrário à carne que lhes forneço.

— Não é uma coisa nem outra, Finn — Christina disse, cansada. Era uma discussão antiga. Na verdade, começou no dia em que o mais velho e único irmão das meninas, Robert, pegou um arco curto e, de brincadeira, apresentou a arte do arco e flecha a Finnula, então com 4 anos. Seu primeiro tiro acertou em cheio o traseiro de sua querida ama de leite, Aggie, e, desde então, ninguém conseguira arrancar o arco das mãos da linda caçadora.

— Além disso — continuou Finnula, como se não tivesse escutado a interrupção da irmã —, o xerife não vai encontrar prova alguma. Eu nunca erro, então ele nunca vai encontrar uma de minhas flechas e descobrir que as marcas nas penas são minhas. O xerife só se preocupou em passar aqui hoje porque ele é apaixonado por Mellana.

— Finn, isso simplesmente não é verdade. O Sr. Laroche disse ao xerife De Brissac que mais um dos veados do conde desapareceu.

— Não desapareceu mesmo — disse Finnula, os cantos da boca delicadamente desenhada de repente curvando-se em um sorriso. — O veado está exatamente onde sempre esteve, na propriedade do solar Stephensgate. A única diferença é que agora está na barriga de alguns empregados do lorde Hugo.

Christina apertou os olhos para a incorrigível irmã. Passou-lhe pela cabeça, não pela primeira vez, que Finnula um dia abandonaria o modo excêntrico de se vestir, colocaria um dos vestidos de seda que foram comprados na época de seu casamento fracassado e escovaria os adoráveis cabelos ruivos em vez de mantê-los sempre amarrados numa trança. Ficaria uma mulher linda. A garota provavelmente não tinha consciência disso, e provavelmente negaria o fato se alguém tocasse no assunto, mas, na opinião de Christina, não era Mellana quem atraía o xerife à casa do moinho, mas a própria Finnula, e não apenas por seu hábito de caçar em propriedade alheia.

Christina suspirou pela terceira e última vez e, usando a cabeceira da cama como apoio para se levantar, disse:

— Bem, fiz o que pude. Robert não pode dizer que não tentei.

Finnula sorriu novamente e afagou carinhosamente os ombros da irmã.

— Pobre Christina — disse ela, docemente. — Desculpe por trazer problemas para você e para o querido Bruce. Não posso prometer que vou parar, mas prometo, de verdade, que nunca serei pega nem farei nada que possa envergonhar você perante seus novos sogros.

Christina, esquecendo-se da pose de mulher casada e importante, pois era a esposa do açougueiro da aldeia, bufou como a irmã costumava fazer.

— Esse será o dia! — Ela riu, sacudindo a cabeça. — Bem, acho que é melhor você descer e fazer essa mesma promessa na frente de Robert.

— Robert? — Finnula afastou alguns cachos de cabelos ruivos da testa branca e macia. — O que Robert está fazendo em casa a essa hora do dia? Ele não deveria estar no moinho?

— Estaria se não fosse a visita de seu maior admirador, o xerife John de Brissac. — Os olhos levemente acinzentados de Christina adquiriram um brilho diferente. — Mas isso não foi sua única distração hoje. Rosamund está aqui, e acho que ela e Robert têm algo para lhe contar.

Finnula sobressaltou-se. Diferentemente das irmãs, assuntos sobre casamento e vestidos nunca lhe interessaram muito, mas, como adorava o irmão, estava feliz por ele.

— Você não está querendo dizer que... o pai de Rosamund finalmente concordou?

Christina fez que sim com a cabeça, e a alegria que estava tentando disfarçar enquanto chamava a atenção da irmã mais nova finalmente transbordou.

— Sim! Vá agora, vá lá para baixo e dê-lhe as boas-vindas à nossa família. Ela ficou um tanto confusa com a presença de um homem

armado em sua futura casa. Tive de garantir a ela que isso não é algo que aconteça com frequência.

No entanto, Finnula não estava mais ouvindo. Praticamente voando escada abaixo, onde um restrito grupo de pessoas se reunia à lareira, gritou:

— Meu Deus, Robbie! Por que você não me contou?

O pequeno grupo se dividiu, e Robert, que tinha 1,85m, disparou em direção à irmã caçula, bem mais baixa do que ele, porém um tanto mais espalhafatosa. Levantando-a em seus braços, fortes como uma rocha devido aos anos de trabalho no moinho de Sua Senhoria, Robert balançou Finnula bem no alto, na direção das vigas do teto, antes de colocá-la de volta no chão e dar em seu traseiro atrevido um bofetão que fez lágrimas lhe brotarem dos olhos.

— Que droga, Robert! — Finnula afastou-se dele, as mãos indo para trás para massagear a pele dolorida. Ele tinha batido com força suficiente para fazer um buraco nas calças de couro. — Por que você fez isso? — perguntou, irritada.

— Pelo veado — respondeu Robert, com uma seriedade um tanto avessa a seu típico bom humor. — Se eu precisar mentir por sua causa mais uma vez, Finn, você não vai conseguir sentar durante uma semana, é bom me escutar.

Isso estava longe de ser a celebração familiar pela qual tinha esperado. Engolindo o choro, que era mais de raiva que de dor, Finnula olhou furiosa para o irmão, tentando ignorar o rosto pequeno e perplexo da futura noiva, que pairava ao lado dele.

— Que vergonha, Robert — Finnula retrucou, furiosa. — Você não pode provar, muito menos o xerife De Brissac ou o repugnante Reginald Laroche, que fui eu quem acertou o veado. Eu *vinha* desejar a você e a Rosamund alegria e felicidades, mas agora acho que vou atrás do xerife dizer que pode muito bem me enforcar, porque está claro que não sou bem-vinda em minha própria casa.

E então virou-se em direção à porta da frente, sabendo muito bem que Robert, embora viesse tentando discipliná-la durante os

anos após a morte dos pais, não suportava vê-la infeliz. Era o único irmão entre seis irmãs, e todas elas, cada uma a sua maneira, eram capazes de manipulá-lo. Porém, a mais nova, Finnula, tornara isso uma ciência. As irmãs mais velhas viam, com sorrisos que mal conseguiam esconder, a raiva do irmão amolecer sob o olhar abrasador de Finnula.

— Não podemos — Robert arriscou-se lentamente — deixar que a raiva estrague este dia especial...

— Não — Rosamund interrompeu, ainda parecendo um pouco chocada com a demonstração de masculinidade do noivo. — Não podemos.

À porta, Finnula sorriu para si mesma, mas, antes de virar-se, armou em suas feições uma expressão de arrependimento.

— Você está dizendo — murmurou — que vai me perdoar?

— Sim — disse Robert, e balançou a cabeça com seriedade, como se concedendo o cancelamento da pena de um acusado. — Mas só desta vez.

Com um grito, Finnula atirou-se mais uma vez nos braços do irmão. Em seguida, foi acompanhada por Rosamund, a filha de aparência angelical do prefeito de Stephensgate, a primeira garota que Robert cortejou e não conseguiu ter, tornando-se assim o amor de sua vida. Talvez, de forma compreensível, Rosamund tenha ficado relutante em se unir a uma família tão excêntrica quanto a do moleiro — afinal de contas, Robert tinha seis irmãs, seis, algo que seria considerado uma desgraça em muitas famílias, mas algo que fizera seus pais muito felizes antes de morrerem. E o pior de tudo era a irmã mais nova, que andava por aí em roupas de menino e se gabava de ter a mira mais precisa de Shropshire, apesar de, aos 17 anos, ser velha demais para tais coisas. E, claro, também havia a questão do fracasso de Finnula em um casamento...

Mas todas as outras cinco irmãs tinham uma reputação acima de qualquer suspeita. Havia a mais velha, Brynn, que, aos 25 anos, um ano mais nova que Robert, tinha um casamento feliz com o ferreiro

da aldeia. Ela já tinha cinco filhos homens, todos com o corpo forte do pai e os cabelos ruivos da mãe. Depois veio Patricia, esposa do estalajadeiro da aldeia e mãe de três; e Camilla, que chorou e esperneou, se tornando uma pessoa desagradável de se conviver até que Robert concordasse com seu casamento com um vinicultor duas vezes mais velho que ela. Por fim havia a recém-casada Christina, que era muito feliz com o marido açougueiro, Bruce, e a quinta irmã, Mellana, considerada por muitos a mais bela da família e que, embora já estivesse se aproximando dos 20 anos, ainda precisava encontrar um marido.

Em resumo, não era uma família contra a qual o pai de Rosamund podia ter muitas ou fortes objeções. Na verdade, o prefeito não teria qualquer tipo de objeção, pois um jovem mais promissor que Robert Crais dificilmente seria encontrado em Stephengate. Mas havia o pequeno problema em relação aos modos estranhamente independentes da irmã mais nova, sua flagrante rebeldia em relação às leis sobre a propriedade alheia e também o infeliz incidente entre ela e o finado conde. Como fazer vista grossa para o fato de Finnula Crais ter sido acusada, embora injustamente, de matar o próprio marido?

Mas a afeição de Rosamund por Robert era totalmente verdadeira, e, como filha única, conseguia fazer com que o pai carinhoso acabasse pensando como ela. Se Finnula era o único problema, bem, não havia nada a ser feito. A garota era jovem e se podia esperar que um dia abandonasse o amor pelos esportes e pelas calças de couro que insistia em vestir. Pelo menos tinha o bom-senso de ficar longe das principais vias públicas enquanto vestia-se assim. E, nesse meio-tempo, a benévola influência de Rosamund talvez a ajudasse a enxergar as falhas de sua personalidade.

Com as irmãs Crais, os maridos e a prole na casa do moinho celebrando ruidosamente o iminente casamento de Rosamund, talvez fosse compreensível que ninguém tenha sentido falta de uma das irmãs solteiras... pelo menos não imediatamente. Foi Finnula quem finalmente abaixou o copo de cerveja e indagou sobre o que tinha acontecido com Mellana.

No entanto, ninguém prestou atenção em Finnula, o que não era incomum, pois “Finn” não era apenas a vergonha da família, era também a contadora de histórias, cujos tremendos exageros agora impressionavam apenas seus sobrinhos mais novos. Largando o copo, ela foi procurar a irmã favorita, e encontrou-a ao lado da lareira da cozinha, chorando sobre o avental.

— Mellana! — Finnula gritou, verdadeiramente surpresa. — O que está havendo? É seu estômago novamente? Quer que eu pegue um remédio para você?

Considerando os olhos vermelhos e inchados, Mellana já estava chorando havia um bom tempo. Tida por muitos como a mais doce entre as filhas do moleiro, Mellana tinha mais admiradores do que se podia imaginar, mas nunca recebera um real pedido de casamento. Finnula não conseguia decifrar o motivo, pois ela própria já tinha recebido uma proposta, embora malfadada, e com certeza não se considerava tão bonita quanto Mellana obviamente era.

Com o rosto bonito e o corpo em forma, Mellana era a única irmã Crais que tinha escapado da maldição do cabelo ruivo. Em vez disso, tinha cachos loiro-avermelhados que moldavam o rosto em forma de coração como um véu de ouro. Os olhos não eram cinzentos como os das irmãs e do irmão, mas azul-escuros, cor de safira, que pareciam quase negros às vezes. E, por alguma razão, Mellana não tinha herdado a franqueza das irmãs. Era, ao contrário, a mais meiga das criaturas, uma cozinheira excelente e uma dona de casa que parecia se sentir melhor na companhia das galinhas, que amava, do que na dos seres humanos. Uma vez, houve rumores na aldeia de que a irmã que vinha depois da mais nova era meio doidinha. Robert e Finnula puseram um fim nisso rapidamente, um com os punhos e a outra com o arco, e agora ninguém mais falava disso — pelo menos não de forma que o mais velho e a caçula pudessem ouvir.

— Mellana, minha querida, o que houve? — Finnula curvou-se diante da irmã que mais amava, tentando afastar o adorável cabelo do rosto dela, onde mechas dos cachos dourados grudavam na umi-

dade provocada pelas lágrimas. — Por que você não está comemorando conosco?

Mellana soluçou, mal conseguindo falar.

— Ah, Finn, se eu pudesse contar para você!

— O que você está dizendo? Mel, você pode me contar qualquer coisa, você sabe disso.

— Não isso. — Mellana balançou a cabeça com tanta força que os cabelos loiro-avermelhados chicotearam seu rosto. — Ah, Finnula, estou tão envergonhada!

— Você? — Finnula acariciou o ombro da irmã sobre o tecido sedoso da túnica. — E do que você, a criatura mais gentil do mundo, teria de se envergonhar? Não tem nada para vestir no casamento? É isso, hein, bobinha?

Mellana tentou enxugar as lágrimas com a barra da saia cor de creme.

— Como eu queria que fosse isso! Tenho medo de que você me despreze quando eu contar...

— Eu, desprezar você, Mel? — Finnula estava verdadeiramente surpresa. — Nunca! Ah, Mellana, você sabe que eu nunca...

— Estou atrasada — soltou Mellana, ofegante, e teve uma nova crise de choro.

— Você está atrasada? — Finnula, confusa, repetiu, as sobrancelhas finas unindo-se. — Você não está nada atrasada. A comemoração do noivado acabou de começar...

Vendo a cabeça de Mellana balançar rapidamente, Finnula ficou sem voz. Atrasada? Ela encarou a rebelde irmã, e o entendimento, quando veio, foi combinado com descrença. Descrença que fez com que ela não conseguisse evitar o espanto na voz rouca.

— Atrasada, Mel? — perguntou, sacudindo a irmã mais velha. — Você quer dizer... *atrasada*?

Mellana concordou com um aceno, triste. No entanto, Finnula precisava de esclarecimento. Simplesmente não conseguia acreditar no que estava ouvindo da linda e doce irmã.

— Mellana, você está dizendo que está... *carregando um bebê*?

— Si-sim — soluçou Mellana.

Finnula olhou para baixo, para a cabeleira dourada da irmã, e se esforçou para reprimir o desejo de sacudi-la. Ela amava a irmã e bateria em qualquer um que não fosse da família e ousasse zombar dela, mas, na verdade, Mellana podia ser a mais superficial das criaturas, e Finnula só estava sendo otimista demais ao acreditar que algum vagabundo tivesse se aproveitado de sua ingenuidade.

— Qual o nome dele? — perguntou Finnula, a mão inconscientemente caindo sobre o cabo da lâmina de 15 centímetros que tinha presa ao quadril.

Mellana soluçou com ainda mais força.

— O nome dele, Mel — repetiu Finnula, o tom inflexível. — O patife morre antes do anoitecer.

— Ah, sabia que não deveria ter contado para você — Mellana gemeu. — Finn, por favor, por favor, não o mate. Você não entende. Eu o amo!

Finnula soltou o cabo da adaga.

— Você o ama? De verdade, Mel? — Quando a outra garota fez que sim com a cabeça, às lágrimas, Finnula franziu a testa. — Bem, isso muda as coisas, acho. Não posso matá-lo se você o ama. Mas, então, por que as lágrimas? Se você o ama, case-se com ele.

— Você não entende — Mellana chorava. — Ah, Finn, eu não posso me casar com ele!

Os dedos voltaram para o cabo da adaga.

— Ele já é casado, não é? Tudo bem, então. Robert e eu vamos enforcá-lo antes de você poder dizer Nottingham Town. Anime-se, Mel. Será um enforcamento adorável.

— Ele não é casado — disse Mellana, fungando.

Finnula relaxou o corpo no consolo da lareira, soltando o ar com tanta força que afastou algumas mechas de cabelo ruivo da testa. Na verdade, hoje ela não estava com paciência para lidar com a irmã desmiolada. Caçar um javali selvagem era dez vezes mais fácil do que tentar entender Mellana.

— Bem, então, qual o problema, Mel? Se ele não é casado e você o ama, por que não podem se casar?

— Por causa... por causa do meu dote, Finn.

— Seu dote? — Finnula largou os dois cotovelos sobre os joelhos e grudou a testa nas palmas das mãos. — Ah, Mel. Diga-me que você não fez isso.

— Tive de fazer, Finn! Cinco casamentos em cinco anos. E eu não tinha nada para vestir. Vesti o samito azul para o casamento de Brynn, a seda lilás para o da Patricia, o veludo bordô que encomendei de Londres para o da Camilla, o linho rosa para o da Christina e o samito dourado para o seu... — Mellana levantou o rosto, a expressão consternada, lembrando-se, mesmo sendo consumida pela própria dor, de que Finnula desgostava imensamente de que mencionassem o próprio casamento. — Sinto muito, Finn. Tenho certeza de que deve parecer sem importância para você. Afinal de contas, você só dá importância a arcos e flechas, não a laços e ornamentos. Mas eu teria sido alvo de piada na aldeia se aparecesse no casamento das minhas irmãs com um vestido já usado.

Finnula achava bastante improvável que alguém em Stephensgate se lembrasse do que Mellana tinha usado no casamento das irmãs. A aldeia estava longe de ser a capital mundial da moda. No entanto, ela se controlou para não dizer isso em voz alta.

Em vez disso, Finnula disse, a cabeça ainda apoiada nas mãos:

— Você está me dizendo que gastou seu dote inteiro em vestidos, Mellana?

— Não apenas em vestidos — assegurou-lhe Mellana. — Em saias também.

Se Mellana estivesse falando com qualquer outra das irmãs, provavelmente teria recebido uma bronca por ter se comportado de maneira tão estúpida e egoísta. E, embora Finnula também achasse que Mellana tinha se comportado de forma boba — nada melhor, por exemplo, que sua amiga imbecil, Isabella Laroche, aquela criatura ridícula, cujo pai estava administrando tão mal o solar do lorde Hugo

em sua ausência —, ela não conseguia deixar de sentir pena da irmã. Afinal de contas, era realmente terrível estar grávida e solteira.

Quando Finnula finalmente levantou o rosto, estava séria.

— Você faz alguma ideia — perguntou — do que Robert vai fazer quando descobrir o que você fez?

— Eu sei, Finn! Eu sei! Por que você acha que estou chorando? E Jack não tem um tostão furado.

— Jack?

— Jack Mallory. — Mellana corou, baixando os olhos. — Ele é um trovador. Você lembra, tocou o alaúde tão divinamente no casamento da Christina...

— Meu Deus — murmurou Finnula, fechando os olhos, horrorizada. — Um *trovador*? Você engravidou de um *trovador*?

— Sim. Viu? É por isso que não podemos nos casar, não sem meu dote, porque tudo o que Jack possui é a rabeça e algumas bolas de malabarismo. Ah, e sua mula, Kate. Você sabe que Robert nunca vai permitir que eu me case com um homem que não possui sequer uma muda de roupa, muito menos uma casa onde possamos morar...

Finnula suspirou, desejando de verdade que tivesse sido uma das outras irmãs a encontrar Mellana chorando à beira da lareira. Brynn teria ficado compadecida, Patricia, gritado, Camilla, dado risada, e Christina, suspirado, mas todas seriam capazes de lidar com a situação melhor que Finn. Finnula, nada sentimental, não fazia a mínima ideia do que significava amar loucamente alguém, como Mellana parecia amar Jack Mallory. No geral, Finnula pensava estar em vantagem. Pelo que podia observar, estar apaixonada parecia um tanto doloroso.

Ela disse:

— Bem, em vez de ficar aí chorando por algo que já está feito, por que você não junta o dinheiro que ganhou fazendo cerveja? — Ela fez uma pausa, percebendo que Mellana balançava vigorosamente a cabeça. — O que foi?

Os longos cílios de Mellana tremulavam, úmidos.

— Vo-você não percebe? Eu gastei!

— Você gastou *tudo*? — A voz de Finnula ficou esganiçada. — Mas havia mais de cinquenta!

— Eu precisava de escovas novas — sussurrou Mellana, lacrimosa. — E fitas para os cabelos. E aquele vendedor ambulante passou aqui outro dia, vendendo os cintos mais lindos do mundo: eram de ouro de verdade...

Finnula mal conseguia evitar gritar com a irmã, e assim o fez, com toda vontade, apesar do olhar de reprovação que recebeu.

— Você gastou *todo* o dinheiro que ganhou esse inverno em quinilhariarias? Ah, Mellana, como pôde? O dinheiro era para comprar malte e lúpulo para o lote do verão!

— Eu sei — disse Mellana, fungando. — Eu sei! Mas uma donzela não pode estar o tempo inteiro pensando em cerveja!

Finnula ficou de queixo caído. A irmã era um pouco tola, é verdade, mas, com certeza, essa foi a coisa mais estúpida que uma mulher já tinha feito na história de Shropshire. Fazia um tempo que Mellana tinha um negócio pequeno, porém muito rentável, no porão da cozinha. A cerveja dela era considerada por muitos a melhor de Shropshire. Donos de estalagens de regiões vizinhas consideravam valer a pena a viagem até Stephensgate para comprar um barril ou dois da deliciosa cerveja da senhorita. Mas sem capital para comprar ingredientes, os dias de Mellana como fabricante de cerveja estavam contados.

— Uma donzela? — repetiu Finnula amargamente. — Uma donzela? Mas você não é mais uma donzela, Mellana, é? Você vai ter um filho. Como pretende sustentá-lo? Não pode esperar viver para sempre com Robert aqui, na casa do moinho. Ele logo vai se casar e, embora Rosamund seja a mais doce das mulheres, não vai tolerar por muito tempo uma cunhada dependente que não tem o bom-senso que Deus deu a uma galinha, quanto mais uma criança sem pai.

Finnula instantaneamente se arrependeu das palavras duras quando Mellana caiu novamente no choro. Em meio a soluços, a garota sufocou o pranto e disse:

— Ah! E quem é você para falar, Finnula Crais! Você, que foi casada por exatamente uma noite antes de voltar para cá...

— Viúva — ressaltou Finnula, recusando-se a ser manipulada pelas lágrimas da irmã. — Lembra, Mellana? Voltei viúva. Meu marido morreu na noite de núpcias.

— Ah — Mellana arfou. — Não foi conveniente, considerando o quanto você o odiava?

Finnula sentiu que estava ficando vermelha, mas, antes que pudesse irromper da cozinha em um acesso de raiva, como pretendia, Mellana agarrou seu pulso e suplicou-lhe, a expressão pesarosa:

— Ah, Finn, me perdoe! Não deveria ter dito isso. Arrependo-me com toda a sinceridade. Sei que a culpa não foi sua. Claro que não foi. Por favor, por favor, não vá. Preciso tanto da sua ajuda. Você é tão inteligente, e eu sou tão burra. Por favor, você não pode ficar mais um pouco e me ouvir? Isabella me disse uma forma de eu talvez conseguir o dinheiro de volta, uma maneira que tenho quase certeza de que funcionaria... mas... mas sou muito tímida para tentar.

Finnula ouvia a irmã apenas parcialmente. No outro cômodo, o marido de Camilla tinha provavelmente pegado seu alaúde, pois de repente a melodia de uma canção alegre chegou à cozinha. Acima da música, Finnula podia ouvir perfeitamente o irmão as chamando. Droga! Em um segundo ele estaria na cozinha, e Mellana era a pior mentirosa do mundo. A verdade viria à tona e não haveria mais celebração. Haveria, muito provavelmente, um assassinato. Finnula esperava que Jack Mallory e a maldita mula estivessem bem longe de Stephensgate.

Mellana de repente aprumou-se, os olhos azuis arregalados.

— Mas *você* podia, Finn! *Você* não é tímida. *Você* não tem medo de nada. E não seria nada diferente de encurralar cervos e raposas. Tenho certeza!

— E o que seria isso? — Finnula, sentada ao lado da lareira com os cotovelos sobre os joelhos, olhou para a expressão repentinamente transformada da irmã. Os vestígios das lágrimas e os olhos incha-

dos tinham ido embora. Agora, os olhos azuis profundos estavam cintilantes, e os lábios vermelhos estavam entreabertos de animação.

— Ah, diga que você vai me ajudar, Finn! — Mellana agarrou uma das mãos da irmã, a mão que tinha os dedos bastante calosos de puxar a corda do arco. — Diga que você vai me ajudar!

Finnula, meio distraída pelo medo que tinha da ira do irmão, disse com impaciência:

— É claro que vou ajudar se puder, Mellana. Mas não sei como você vai sair dessa, realmente não sei.

— Confie em mim. Promete?

— Prometo. Agora, vamos nos juntar aos outros, Mel. Estão nos chamando. Não queremos que suspeitem de nada.

— Oh, obrigada, Finn!

Subitamente alegre, Mellana abraçou a irmã com força.

— Eu *sabia* que você me ajudaria se eu pedisse. Você sempre foi boa para mim. Não me importo com o que as pessoas falam sobre você, não acho você nem um pouco esquisita. E com suas habilidades de caçadora, tenho certeza de que vai capturar o homem mais rico de Shropshire!

Finnula olhou para a irmã, curiosa.

— Do que você está falando, Mel?

Surpresa por Finnula não ter entendido, Mellana explicou-lhe. E precisou de mais lágrimas da parte de Mellana antes que Finnula começasse a sequer considerar honrar a promessa que tinha feito em um momento de distração.